

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL – MEC/UFRGS

FERNANDA BERNARDO MACIEL

**PESQUISA-INTERVENÇÃO COM O GRUPO DE 0 A 3 ANOS:**

o espaço educativo, as interações e a ludicidade

Porto Alegre

2014

FERNANDA BERNARDO MACIEL

**PESQUISA-INTERVENÇÃO COM O GRUPO DE 0 A 3 ANOS:**

o espaço educativo, as interações e a ludicidade

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Albuquerque

Co – Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carmen

Silveira Barbosa

Porto Alegre

2014



*“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.”*

*(Mahatma Gandhi)*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus grandes amores – crianças de ontem, hoje e sempre, que com sua alegria compartilharam todos os momentos da minha prática docente, me instigando a ir além.

À fonte da minha inspiração para esta pesquisa, prof. Paulo Fochi, que possibilitou o meu despertar como educadora de bebês no percurso de estudo com sua paixão pela infância.

Às colegas e hoje grandes amigas Gislaine, Luciane, Sônia, Susana Ventura e Susana Weber obrigada por tornarem nossos sábados mais alegres com suas histórias e parceria.

A toda a equipe de educadoras da E.M.E.I. Humaitá, pelo acolhimento ao meu fazer pedagógico e minhas propostas de intervenção.

À minha orientadora Simone Albuquerque que com muito carinho, paciência e dedicação me incentivou neste processo, através do seu comprometimento com a Educação Infantil e a pesquisa.

Ao meu grande parceiro de todos os momentos Dudu, que sempre torceu muito por essa vitória, sonhando ao meu lado dia e noite com a conclusão desta especialização.

## RESUMO

MACIEL, Fernanda. **Pesquisa-intervenção com o grupo das lagartas II: o espaço educativo, as interações e a ludicidade.** Porto Alegre, 2013. 75f. + Apêndice, +Anexo. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Esta pesquisa apresenta um estudo que investigou como se expressa no cotidiano do grupo das Lagartas II (maternal I), a organização do espaço/ambiente a partir da intervenção pedagógica. Desta forma, esta pesquisa se destinou a buscar indicativos no decorrer do ano de 2013, que demonstrassem de que forma o espaço do grupo das Lagartas II, foi sendo construído a partir das intervenções pedagógicas da equipe de educadoras, procurando analisar as relações com a equipe diretiva, com as famílias e crianças na construção das relações deste grupo com o espaço/ambiente, pesquisando sobre quais são as concepções que as profissionais desta faixa etária possuem e registrando fotograficamente propostas de recomposição e/ou transformação da sala deste grupo no decorrer do ano, tenham sido elas provisórias, momentâneas ou duradouras. Esta pesquisa articulou-se à busca por uma análise reflexiva sobre minha prática educativa na escola em que atuo. Inspirada nos referenciais sobre pesquisa intervenção com crianças, este processo investigativo só foi oportunizado por uma análise sem distanciamento, realizando registros fotográficos para acompanhar mensalmente se existiram propostas de novos arranjos espaciais, Significando as vivências dos pequenos, a partir das intervenções propostas. Com a organização dos ambientes, a prática docente pode ser estruturada a partir de uma pedagogia das relações, incentivando e oportunizando as interações e a pluralidade de experiências.

Palavras-chave: Espaço. Interação. Ludicidade. Pesquisa-intervenção.

## ABSTRACT

MACIEL, Fernanda. **Research intervention with bunch of caterpillars II: the education space, interactions and playfulness.** Porto Alegre, 2013. 75f. + Appendix + Annex. Graduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

This research presents a study which investigated as if expressed in the daily of the group of the Caterpillars II (motherly 1), the organization of space / environment from the pedagogical intervention. So, this search was intended to seek indicatives in elapse the year 2013, demonstrating how the space of the group of the Caterpillars II, was being built from the team pedagogical interventions of educators, looking to analyze relationships with direction team, with families and children in the construction of the relations of this group with the space/environment, researching about what are the conceptions that professionals in this age group possess and registering with photographs the proposals for recomposition and/or transformation of the classroom this group in the elapse the year, same whether have been provisionals, momentary or enduring. This research was articulated to the search by a reflective analysis on my educational practice at the school where work. Inspired by us referential about intervention research with children, this investigative process was only oportunizado by an analysis without distancing, performing photographic records to follow monthly if exist proposals for new spatial arrangements, meaning the experiences of the small, from the proposed interventions. With the organization of the environments, the teaching practice can be structured from a pedagogy of relations, encouraging and providing opportunities for interactions and plurality of experiences.

Keywords: Space. Interaction. Playfulness. Research intervention.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: sala do grupo lagartas I .....	12
Figura 2: sala do grupo lagartas II .....	12
Figura 3: sala de atividades do grupo das Lagartas II.....	28
Figura 4: porta da sala .....	29
Figura 5: cantinho para brincadeiras de casinha.....	30
Figura 6: brincadeiras.....	32
Figura 7: piscina de bolinhas .....	36
Figura 8: brincadeiras com super-heróis .....	39
Figura 9: parede .....	40
Figura 10: brincadeiras relacionadas às vivências familiares .....	41
Figura 11: uso das mesas.....	44
Figura 12: barraca e tapete .....	45
Figura 13: parede antes da pintura.....	47
Figura 14: parede após a pintura.....	48
Figura 15: novos espaços .....	48
Figura 16: escolhas dos brinquedos .....	49
Figura 17: postagens da reforma no Facebook.....	50
Figura 18: visão das crianças.....	54
Figura 19: visão dos adultos .....	54
Figura 20: visão das crianças em cima das cadeiras.....	55
Figura 21: horta da escola .....	56
Figura 22: área coberta da escola.....	57
Figura 23: culinária no refeitório da escola.....	58
Figura 24: pátio grande .....	60
Figura 25: novos brinquedos .....	61

## SUMÁRIO

<b>1 DAS INQUIETAÇÕES À PESQUISA .....</b>	<b>8</b>
<b>2 REFLETINDO SOBRE A INFÂNCIA E A PRÁTICA DOCENTE.....</b>	<b>17</b>
<b>3 CONSTRUINDO O PROCESSO DE INTERVENÇÃO – METODOLOGIA: O OLHAR QUE DESEJA CONHECER .....</b>	<b>21</b>
<b>4 CONSTRUINDO A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 O espaço de formação da equipe .....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 O cotidiano refazendo as práticas educativas .....</b>	<b>30</b>
<b>5 UM ENCONTRO COM AS INFÂNCIAS: MAPEANDO INTERVENÇÕES .....</b>	<b>35</b>
<b>5.1 A piscina de bolinhas .....</b>	<b>36</b>
<b>5.2 Novos cenários.....</b>	<b>40</b>
<b>5.3 Colorindo o imaginário .....</b>	<b>46</b>
<b>5.4 Vamos para o pátio grande? .....</b>	<b>53</b>
<b>6 UMA NOVA PROPOSTA .....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de consentimento informado aos educadores e funcionários da escola .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento informado à direção da escola.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA.....</b>	<b>73</b>



*“Passava os dias ali, quieto, no meio  
das coisas miúdas.*

*E me encantei.”*

(Manoel de Barros)

## **1 DAS INQUIETAÇÕES À PESQUISA**

Sempre fui apaixonada pela educação infantil, especialmente pela faixa etária de 0 a 3 anos, contudo acreditava que não tinha experiência suficiente para enfrentar o que sempre considerei como um grande desafio – não sabia exatamente o que fazer com as crianças nesta idade! No decorrer de minha trajetória profissional, observava minhas colegas e suas práticas cotidianas, em alguns momentos espantada com algumas atitudes, como por exemplo, levar o

berçário para o pátio praticamente arrastados em uma centopéia de tecido, onde cada criança tem o seu círculo e não deve sair dali, correr, nem pensar! Apesar de não possuir uma formação que me possibilitasse compreender por que esta atitude me causava tanta inquietação, já conseguia me “desacomodar” com tais práticas.

Após ter aceitado o desafio de acompanhar uma turma de berçário e uma de maternal na escola em que trabalho a seis anos, venho repensando muito minha prática educativa, pois pude compreender a importância de olhar o mundo pela primeira vez. Desde então procuro sempre tornar cada momento único com minhas turmas, descobrindo novas formas de pesquisar, novas brincadeiras, novos brinquedos, novas trocas, novas sensações, novas aprendizagens, novos olhares!

Ver crianças tão pequenas e cheias de potencial, subjugadas por adultos, me fez refletir sobre o que os educadores estão oportunizando neste período em que elas estão na escola? Para mim sempre foi simples brincar e construir possibilidades de interação e construção da autonomia com meus pequenos, porém poucas foram as colegas que encontrei em minha caminhada que compartilhavam esta forma de agir.

O período da docência com a faixa etária de 0 a 3, foi uma experiência riquíssima para mim, mas ao mesmo tempo, extremamente frustrante em alguns aspectos. Conviver diariamente com os pequenos, me possibilitou o ato da “inquietação”, mesmo tendo poucos anos de profissão pude de certa forma perceber o quanto já estava aprisionada às práticas educacionais tradicionais, sem me desprender dos “trabalhinhos” individuais, sem riqueza em sua construção, abrir mão das mesas gigantescas que ocupavam grande espaço da sala e de muita produção sem significado algum. Apesar de brincar muito e acreditar em uma educação voltada para as interações e o desenvolvimento sócio-afetivo, de certa forma minha prática não era compatível com tais ideais. Compreender qual era o meu papel naquele momento, foi o início de uma busca incansável por minha formação e capacitação.

Todo o conhecimento didático obtido no magistério e até mesmo na minha graduação era extremamente contraditório à minha nova realidade, nada parecia fazer sentido, muitas coisas me incomodavam, mas não conseguia ao mesmo tempo, compreender o que era!

Estar com os pequenos me tornava alguém realizada, pois acreditava muito no potencial de cada um, nas relações afetivas que eram construídas ali diariamente, nas conquistas alcançadas dia a dia, no prazer em descobrir o mundo. Porém, comecei a encontrar muitas dificuldades nos momentos em que buscava parcerias para sonhar e brincar.

Infelizmente, em diversos momentos abdiquei de meus ideais, ou ignorei a vontade das crianças, por não ter suporte teórico bem fundamentado, para lutar por condições

melhores para elas, de espaço, de tempo, de organização da rotina, de construção das características deste grupo etário, ou por simplesmente não saber interpretar o que estava sendo comunicado pelas crianças, através de uma linguagem que eu ainda não conseguia compreender.

Diversas vezes ouvi a frase: -"Só tu mesma Fernanda, para que tudo isso?" então eu sempre me perguntava: -" Por que não?". Esta especialização foi fundamental para o exercício de minha prática, pois hoje consigo através da fundamentação teórica compreender minha necessidade em refletir e criar novas possibilidades em minhas turmas.

Nas aulas que tive, um novo universo se revelou para mim! Acredito que as inquietações que surgiram naquela época (2007), sempre estiveram presentes na minha caminhada, porém somente hoje consigo compreender melhor estas angústias em relação à minha prática.

Administrar as equipes das turmas em que desenvolvo meu trabalho, sem dúvida sempre foi minha maior dificuldade. Raramente encontrei colegas dispostas a se maravilharem com a infância e assim como eu não possuía grande compreensão sobre o seu papel na educação infantil. A experiência que tive na turma de maternal I, para mim foi a mais significativa em toda a minha trajetória profissional, por isso minha pesquisa se realizou nesta turma, pois nela surgiu minha temática, muito tempo antes da possibilidade da realização deste trabalho de conclusão.

Minha inquietação surgiu da observação dos comentários constantes sobre a turma da faixa etária de 2 a 3 anos em minha escola - maternal I. Ano após ano, as mesmas reclamações se repetem, assim como os mesmos comentários, independente do grupo de crianças daquele ano, ou das educadoras da turma.

Comentários como: "- São muitas crianças, para esta sala!", "- Não sei mais o que fazer com eles, a sala não tem quase nada de brinquedos!", "- Quando chega o final do ano, eles estão cansados dos mesmos brinquedos, desta sala e a gente não agüenta mais!".

Estes comentários somados a imagem que percebia destas educadoras e como a sala sempre era apresentada, construíram uma grande inquietação em mim. Como não tem quase nada de brinquedo? Como podem estar cansados da sala? O que acontece no dia a dia desta sala? Existem momentos que possibilitem a interação neste espaço? As educadoras visualizam o seu papel na construção deste ambiente? Por que a alegria do início do ano se perde até Dezembro?

No ano de 2011, abandonei a faixa etária de 0 a 3, pois me sentia muito cansada e insatisfeita com o trabalho que era desenvolvido por mim e minha equipe na turma do

maternal I, de certa forma, não conseguia encontrar alternativas para qualificar minha prática e me sentia inútil naquela realidade.

Neste mesmo período, iniciaram na escola diversos estudos para a construção do Projeto Político Pedagógico e novas organizações começaram a ser pensadas para as todas as turmas. Uma livre associação com a metamorfose das borboletas foi sugerida, devido ao trabalho ambiental que é desenvolvido nesta escola e a proximidade com as características encontradas em cada ciclo do desenvolvimento das crianças e deste inseto tão belo.

Sendo assim os novos grupos foram nomeados como: Lagartas I (Berçário II), Lagartas II (Maternal I), Casulos I (Maternal II), Casulos II (Jardim A) e Borboletas (Jardim B). Estas nomenclaturas serão utilizadas no decorrer desta pesquisa, identificando os grupos etários desta escola, principalmente o grupo que será pesquisado – LAGARTAS II.

Esta proposta de trabalho ambiental iniciou após um grande processo de pesquisa no bairro, na tentativa de caracterizar esta comunidade. Foram utilizados questionários, entrevistas, visitas de campo, participação em fóruns locais de organização comunitária e a escuta atenta e constante.

Nos achados foram evidenciados os trabalhos familiares associados à reciclagem (coleta/separação) de resíduos, a falta de saneamento básico devido às ocupações irregulares, a constante migração das crianças devido ao deslocamento das famílias para novos loteamentos residenciais populares, dentre outros.

Durante o processo de construção dos documentos curriculares da escola, as educadoras evidenciaram que as especificidades encontradas na faixa etária de 0 a 3 anos eram muito próximas, pois percebiam que suas brincadeiras em muito se pareciam, estabelecendo assim uma aparente “afinidade”.

Por uma determinação da Secretaria Municipal de Educação, neste mesmo ano a idade estabelecida para cada turma foi modificada, sendo assim receberíamos crianças alguns meses mais novas no grupo das Lagartas I e II. Após as entrevistas de início de ano, foi percebida a necessidade de realizarmos algumas alterações nas salas para recebermos elas. A secretaria de educação enviou para a escola, uma verba que se destinava à aquisição de novos materiais e a realização das adequações necessárias para este novo grupo etário.

Para o grupo das Lagartas I foram adquiridos, novos utensílios para alimentação, como: copos com tampas e cadeiras especiais para o refeitório. Para a sala foi comprado um armário novo, individualizando os colchonetes e brinquedos grandes e atrativos. Retiraram a mesa grande da sala, pintaram em um mutirão a maior parede com uma cor bem clara, assim como a maioria dos móveis, revitalizando este ambiente com novas cores, diferenciando-se

muito do restante da escola, onde todas as paredes são de tijolos em sua cor natural.

Já no grupo das Lagartas II a grande mudança se resumiu à retirada do gradil de trabalhos da sala, a compra de alguns poucos brinquedos de material plástico que não correspondiam ao número de crianças da sala e uma escada pequena para o trocador do banheiro infantil.

Mesmo com a percepção das especificidades encontradas nesta faixa etária (0 a 3), a maior preocupação era com as crianças que chegariam pela primeira vez na escola e não com as que ali já estavam. A sala do grupo das Lagartas II parecia um sucatório<sup>1</sup>, com brinquedos quebrados e em número bem limitado, alguns poucos jogos que eram guardados sem muita organização, ou cuidado por parte das educadoras, uma sala escura, repleta de agressões das crianças geralmente ocasionadas na disputa por brinquedos e duas mesas bem grandes que ocupavam metade do espaço, ou seja, um ambiente completamente diferente do encontrado no grupo das Lagartas I.

Das cinco salas de atividades da escola, apenas a do grupo das Lagartas I é que possui uma estrutura diferenciada, pois as outras quatro em nada se diferenciam na sua construção predial.

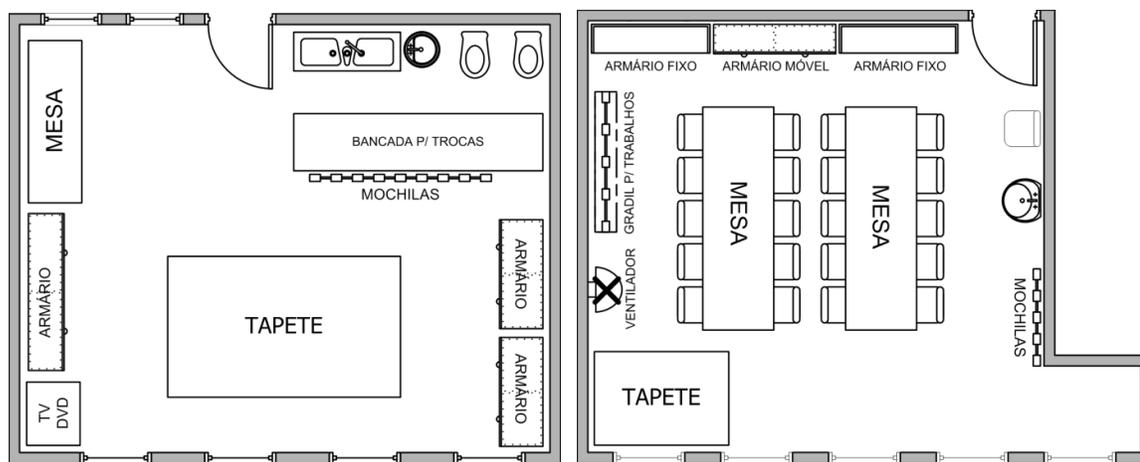


Figura 1: sala do grupo lagartas I  
Fonte: arquivo da escola

Figura 2: sala do grupo lagartas II  
Fonte: arquivo da escola

No decorrer do ano de 2011, percebia que poucas foram as mudanças ocorridas na turma das Lagartas II com relação à proposta pedagógica também, pois em muito se parecia com o que antes era realizado por mim. Em diversos momentos refletia sobre qual seria então

<sup>1</sup> Espaço na escola destinado ao armazenamento de sucata (materiais para reciclagem), para utilização em atividades pedagógicas.

a percepção da escola sobre aquele grupo. Nunca na época em que fui a educadora deste grupo, tive algum tipo de orientação, ou diálogo com a equipe diretiva sobre minhas angústias e dúvidas.

O trabalho que era desenvolvido ali sempre foi criado através do conhecimento e da vivência de cada educadora, pois até então a escola não possuía uma diretriz para as práticas pedagógicas que eram desenvolvidas, criando desta forma percepções muito particulares de quais seriam as necessidades de cada grupo etário.

No segundo semestre de 2012 iniciei no curso Especialização em Docência na Educação Infantil (MEC/UFRGS) e conforme eu lia e aprendia, muitas das minhas perguntas começaram a ser respondidas. A disciplina sobre Currículo, Projeto Político Pedagógico, planejamento, organização e gestão do espaço, do tempo e das rotinas em creches e pré-escolas, acrescentou extrema qualidade na minha nova perspectiva sobre Educação Infantil, especialmente com a faixa etária de 0 a 3 anos.

Os encontros com a prof<sup>o</sup> Maria da Graça Horn e com o prof<sup>o</sup> Paulo Focchi, conseguiram potencializar o que de melhor acredito que haja em mim... a capacidade de criar! Com esta dupla de mestres indescritíveis pude conhecer um mundo completamente novo para mim. Encontrar no olhar deles a mesma paixão que me move, foi importantíssimo nesta caminhada. Nesta experiência, foi possível concretizar as teorias estudadas, às vivências na escola, articulando estas novas concepções que movem a educação. Foi possível visualizar e construir inúmeras possibilidades de modificação de nossas salas e de nossas práticas, construindo um novo olhar em relação à Educação Infantil

Foram nestes encontros que comecei a perceber o que mais me inquietava na época em que trabalhava com o grupo das Lagartas II – O ESPAÇO. Percebi que pouco, ou quase nada ficou registrado em mim ou por mim, de tudo que vivi com as crianças que comigo estiveram. O que de significativo ficou para mim e para elas? Não sei! Só conseguia me lembrar dos brinquedos quebrados, da sala escura, das brigas, do cansaço físico, da loucura de final de ano, da agitação de todos, da angústia de estar ali.

Hoje acredito que todo espaço pode se tornar um parceiro do educador se ele possibilitar interações e experiências desafiadoras às crianças, aliado à descentralização da figura do professor neste cenário, assim como Horn (1998) em seus estudos nos apresenta estas ideias:

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar.

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.

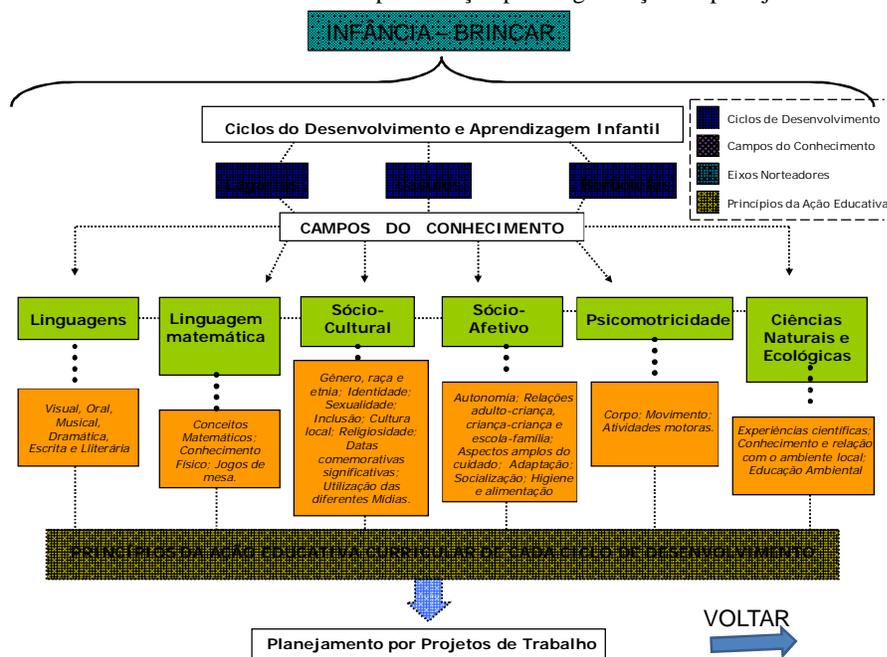
(FORNERO apud ZABALZA, 1998, p. 231)

O pensamento apresentado pela autora se articula a esta pesquisa, pois sintetizou de uma forma muito poética, o que atualmente acredito ser o trabalho na sala de aula com a faixa etária de 2 a 3 anos. Uma escola sem este olhar sensível acaba tornando-se apenas um espaço frio e sem sentido algum para a vivência de todos educadores, crianças e famílias.

No final de 2012, assumi junto à direção da escola o desafio novamente da docência no grupo das Lagartas II no ano de 2013 e durante o período de recesso escolar me dediquei à pesquisa sobre esta faixa etária e me encantei com todas as possibilidades de vivências encontradas.

Minha primeira revisão foi sobre a documentação da escola para a proposta de trabalho e neste estudo encontrei um currículo<sup>2</sup> dividido por eixos norteadores e ações sugeridos para serem desenvolvidos.

Tabela 1 – Tabela indicada pela direção para organização do planejamento



Fonte: arquivo da escola

Durante a especialização tive a oportunidade também de realizar diversas leituras que

<sup>2</sup> Currículo anexado nos documentos da escola.

me auxiliaram muito, dentre elas destaco “O relatório de Práticas Cotidianas na Educação Infantil (2009)” e as “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (2009).

Estas leituras oportunizaram uma revisão quanto ao meu papel como educadora, sobre o que é a educação infantil e o que é importante ser desenvolvido com as crianças.

Tendo em mente estes estudos, percebi a importância de oportunizar na prática com as crianças pequenas as INTERAÇÕES e a BRINCADEIRA, nas suas formas mais simples, profundas e encantadoras.

Após a leitura destes documentos uma pergunta começou a ser constante em minhas reflexões - **Como se expressa no cotidiano do grupo das Lagartas II, a organização do espaço/ambiente a partir da intervenção pedagógica?**

No Projeto Político Pedagógico pude encontrar de forma muito resumida, um pequeno apontamento com o título: Organização do ambiente físico (p. 29), onde a escola apresenta algumas reflexões de Barbosa (2006) sobre o tema, sugerindo apenas o aspecto da organização destes locais físicos, ou seja, sua utilidade, sem uma definição clara sobre ambiente, restringindo desta forma, concepções mais abrangentes sobre toda a estrutura que deveria ser pensada e significada pelos parceiros deste contexto educativo – crianças pequenas/educadores/famílias.

Segundo Escolano (2001):

a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta.  
(ESCOLANO, 2001, p. 45)

Sendo assim, pude perceber que a limitação dos apontamentos encontrados no referencial documental da escola, diziam muito sobre as práticas que eram realizadas, pois esta instituição ainda se encontra em um processo de construção dos espaços.

Esta escola parece estar sempre em movimento, pois seus espaços estão sendo construídos gradativamente, ano após ano, com uma intervenção aqui, outra ali e assim, apesar das educadoras não possuírem uma fundamentação teórica aprofundada neste aspecto, já se percebe esta “inquietação” sobre diversos ambientes desta instituição.

No decorrer dos últimos anos tornou-se evidente esta preocupação com os espaços da escola, pois algumas melhorias, fora das salas de atividades vem sendo realizadas, com pinturas, plantios, aquisição de novos recursos pedagógicos e mobiliários.

Alguns mutirões passaram a fazer parte destas melhorias, tornando este local coletivo,

de todos na busca por um ambiente de qualidade para as crianças.

Sendo assim, esta pesquisa mostra-se importante neste período de construção da identidade pedagógica desta escola, tendo em vista a busca por práticas educativas que qualifiquem o espaço e as propostas para a educação infantil.

Esta escola está situada no bairro Humaitá, zona norte da cidade de Porto Alegre, tendo sido inaugurada em 16 de Março de 1995. A Escola Municipal de Educação Infantil Humaitá se constituiu como único espaço público municipal de atendimento à infância na região Humaitá/Navegantes até os dias atuais.

O prédio desta instituição foi construído para atender a escola municipal de ensino fundamental localizada ao lado, para atividades de turno integral que acabaram não ocorrendo devido à mudança de política educacional na cidade.

Atendendo aos movimentos reivindicatórios no bairro, o governo municipal decidiu realizar transformações nos dois prédios tornando estas duas instituições autônomas (E.M.E.I. – E.M.E.F.)<sup>3</sup>.

A Escola Infantil Humaitá é composta por uma equipe diretiva (diretora e vice-diretora), professores, monitores, estagiários, funcionários de serviços gerais, cozinheira, auxiliares de cozinha e técnica em nutrição.

Os grupos etários desta instituição são atendidos por uma equipe geralmente composta por uma professora, monitoras e estagiárias.

O grupo das Lagartas II é organizado conforme a legislação federal e municipal, com dois (2) adultos para cada dez (10) crianças. Este grupo se constitui por vinte (20) crianças, que deveriam ser atendidas por ordem da secretaria municipal de educação de Porto Alegre por dois (2) adultos em cada turno de trabalho, contudo, a equipe diretiva da escola em todas as oportunidades realiza esforços para que tenhamos um adulto extra, oportunizando um trabalho de melhor qualidade aos pequenos, formando assim, uma equipe composta por uma professora, uma monitora e uma estagiária.

---

<sup>3</sup> E.M.E.I. Escola Municipal de Educação Infantil. E.M.E.F. Escola Municipal de Ensino Fundamental



## **2 REFLETINDO SOBRE A INFÂNCIA E A PRÁTICA DOCENTE**

Refletir sobre minha prática na educação infantil necessitou primeiramente de uma reflexão sobre a infância e o que é ser criança nos dias atuais.

Infância, ou infâncias? Este já deve ser o primeiro item a ser repensado, pois vivemos em um contexto global com diversas formas culturais de ser e viver as infâncias, ou seja, a criança na atualidade não pode mais ser compreendida como um ser engessado em padrões estereotipados.

A multidimensionalidade infantil precisa ser pensada diariamente de forma ampla, podendo ser desenvolvida através de interações e diferentes modos de vivenciar experiências sociais e culturais.

Através da ludicidade a criança expressará suas primeiras produções culturais, pois nas

suas interações com seus pares estabelece relações sociais que desenvolvem a sua autonomia e potencializam a construção de conhecimentos e de linguagens.

Como nos faz refletir Oliveira (2011):

Ao brincar, a criança constrói uma cultura lúdica, um elenco de brincadeiras e de formas de nela atuar, e renova a cultura por meio e sua ludicidade, à medida que se apropria de forma criativa de valores e costumes da sociedade, criando novos elementos culturais.

(OLIVEIRA, 2011, p. 129)

Penso que os estabelecimentos de educação infantil devem refletir sobre o seu papel neste processo de produção histórica das infâncias, compreendendo esta etapa como um momento de rápidas e intensas aprendizagens, onde a função da educação infantil deveria ser a de possibilitar vivências em grupo, compartilhando ideais de acolhimento, respeito ao próximo, observando o mundo pelo olhar do outro, vivenciando a diversidade.

A ampliação dos saberes através da convivência diária, sustentada nas relações e nas interações, possibilita uma prática pedagógica diferenciada, pois visa a construção nas experiências cotidianas e não apenas nos resultados esperados pelos adultos.

Uma proposta pedagógica pensada desta forma viabilizaria possibilidades ricas em conhecimentos para todos que participam deste encontro de culturas e saberes.

Uma educação voltada para as crianças pequenas deve impreterivelmente ter como prioridade, a valorização de suas diferenças e diversidades, sendo compreendidas como produtoras de história e cultura.

Assim como as crianças, o espaço também pode ser percebido com um lugar de possibilidades infinitas, pois se for compreendido como um parceiro educativo assumirá novo significado na proposta pedagógica dos educadores, tornando-se um palco grandioso para as mais diversas manifestações culturais, artísticas e sociais.

Um espaço em constante transformação, que mostra-se como um ser vivo, promovendo as relações interpessoais, estimulando aprendizagens, transforma-se em um ambiente que pulsa, que é vida!

A cor, o cheiro, as emoções, a iluminação, as sensações, as recordações, os sons, as formas, tudo isso, transmite mensagens sobre a proposta realizada com este grupo de crianças, sobre as concepções da educadora que ali desenvolve um trabalho e principalmente sobre qual a proposta pedagógica desta instituição.

Concordo com Horn (2003) ao afirmar que o espaço pode ser considerado como um parceiro do educador em sua prática educativa, sendo utilizado como um recurso, ou até

mesmo um elemento a mais neste processo.

As intenções educacionais e as ações pedagógicas precisam permitir uma abertura às vivências cotidianas, ao inesperado, porém mágico, à possibilidade de interagir e conhecer o desconhecido, de maravilhar-se com o que é simples e belo – o mundo.

Práticas que desconstroem a ludicidade e as interações limitam as possibilidades do encontro, da construção, da articulação e da de produção de aprendizagens entre as crianças e seus pares.

Um ambiente pensado como um instrumento vivo para favorecer as interlocuções infantis, necessariamente precisa oportunizar a descentralização da figura do adulto, pois a criança passará a sentir-se segura e encorajada para explorar o ambiente, realizando interações e buscando às vezes privacidade em suas construções.

O educador nesta perspectiva pedagógica deve exercer um olhar sensível às linguagens das crianças, para compreender seus interesses, seu processo no grupo, suas dificuldades e seus sentimentos.

O Relatório das Práticas Cotidianas (2009) destaca que:

A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre os objetos e formas de pensamento. Numa nova perspectiva, compreende-se o papel do professor como o de um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças.  
(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 37)

Através dos estudos realizados em Horn, Fornero e Escolano acredito que o compartilhamento das experiências seja o ponto chave sobre esta postura do educador, pois desfaz uma visão adultocêntrica sobre o seu papel na educação infantil, onde todos compartilham saberes, culturas e aprendizagens, onde o cotidiano torna-se mais rico.

Ao criar um ambiente que favoreça as interações, o educador estará promovendo concomitantemente o desenvolvimento das potencialidades da criança e um importante papel na construção de sua identidade.

A participação indireta e a observação constante fazem parte desta construção dinâmica do espaço, pois só com um olhar sensível e atento é que será possível a reflexão do educador sobre a fala das crianças na construção de suas aprendizagens.

É importante ressaltar que por mais bonito, arejado, ou bem iluminado que possa ser este espaço, o que o transformará em ambiente são as histórias de vida que serão construídas ali. É a pluralidade de experiências que a criança vivenciará correndo, rindo, chorando,

mexendo, sempre com o seu olhar interrogativo de quem busca o novo, o inesperado, que dará significado ao currículo e ao ambiente construído por todos.



### **3 CONSTRUINDO O PROCESSO DE INTERVENÇÃO – METODOLOGIA: O OLHAR QUE DESEJA CONHECER**

Tendo em vista minha vivência dentro desta escola, esta pesquisa se destinou a buscar indicativos no decorrer do ano de 2013, que demonstrassem de que forma o espaço do grupo das Lagartas II, foi sendo construído a partir das intervenções pedagógicas da equipe de educadoras<sup>4</sup>, procurando analisar as relações com a equipe diretiva, com as famílias e crianças na construção das relações deste grupo com o espaço/ambiente.

Foram realizados registros fotográficos para acompanhar mensalmente se existiram propostas de recomposição e/ou transformação da sala deste grupo, principalmente no decorrer do segundo semestre, sejam elas provisórias, momentâneas ou duradouras.

---

<sup>4</sup> Sou a professora responsável pelo grupo, coordenando uma equipe composta por mais quatro educadoras.

Para o acompanhamento e registro desta pesquisa, optei pelo uso de repertórios fotográficos, pois percebia que as educadoras desta instituição já possuem em suas práticas cotidianas o hábito de fotografar os pequenos, tornando assim este ato natural, durante a rotina diária, evidenciando desta forma a visibilidade das infâncias na proposta de trabalho desta escola.

Minha proposta ao fotografar constantemente diversos momentos do grupo das Lagartas II, mostrou-se como uma opção importante na análise de dados que contextualizavam as interações e vivências das crianças, revelando o trabalho pedagógico desenvolvido pelas educadoras.

Estas imagens não serviram apenas como uma forma de ilustrar a pesquisa, mas auxiliaram na composição da escrita, onde pude realizar uma análise mais contextualizada sobre as observações realizadas.

Para Tura (2003):

A observação é uma forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Pelo olhar entramos no mundo, começamos a nos comunicar com ele e iniciamos o conhecimento a respeito dos seres que nele habitam.  
(TURA, 2003, p. 184)

Os registros no diário de campo construído como educadora deste grupo, oportunizou relatos e apontamentos com maior riqueza de sentimentos e percepções vivenciadas no grupo.

Na rapidez dos acontecimentos e na urgência que a infância nos apresenta, alguns momentos fugiam aos meus olhos e ter a máquina fotográfica presente na sala, oportunizou um olhar mais calmo e atento em outros momentos em que não estava imersa naquele contexto.

Concordo com Tura (2003) ao afirmar que:

A observação participante tornou-se uma referência importante na distinção entre as diferentes abordagens, caracterizando-se, num sentido geral, pela presença constante do pesquisador no campo e a observação direta das atividades de um grupo no local de sua ocorrência.  
(TURA, 2003, p. 187)

Fotografar, ou não alguns momentos concomitantemente à observação, revelou aos poucos minha construção enquanto pesquisadora, pois possibilitava o ajuste do meu foco ao olhar o cenário.

No início registrava fotograficamente quase tudo! Aos poucos passei a buscar imagens mais singulares, que complementassem e captassem indicativos que oportunizassem minhas

reflexões sobre esta pesquisa.

Conforme Graue e Walsh, os dados da pesquisa (...) não estão por aí prontos nem a espera de serem recolhidos pelo investigador, pelo contrário eles provêm das interações do investigador num contexto local, através das relações com os participantes e de interpretações do que é importante para as questões de interesse. (GRAUE; WALSH, 2003, p. 94)

Em todos os momentos minha observação não foi neutra, pois estava imersa nas situações que emergiam do cotidiano.

O diálogo estabelecido por mim entre as observações, as fotos e os registros, contextualizaram cenas, interações e vivências neste grupo, podendo desta forma canalizar minha atenção a favor do que ocorria enquanto educadora desta turma, tornando-me uma “testemunha dos processos infantis”. (MALAGUZZI, 2006)

Realizei um questionário<sup>5</sup> com as educadoras que trabalham com a faixa etária de 0 a 3 anos e com a equipe diretiva, com a intenção de compreender suas concepções sobre um espaço/ambiente destinado às crianças pequenas.

Neste questionário, utilizei algumas questões que se afinam a temática desta pesquisa, encontradas no documento criado pelo MEC<sup>6</sup>, como um instrumento de auto-avaliação da qualidade das instituições de Educação Infantil.

Outras fontes de dados também foram analisadas, como relatos no caderno de comunicação da equipe, comentários no grupo privado da escola na rede social (facebook) e conversas informais com as famílias.

Esta pesquisa articulou-se à busca por uma análise reflexiva sobre minha prática educativa e a proposta de trabalho da escola em que atuo. Planejar- intervir- analisar foram ações constantes nesta pesquisa inspirada nos referenciais sobre pesquisa intervenção com crianças, pois este processo investigativo só foi oportunizado por uma análise sem distanciamento, transformando para conhecer a realidade.

Conforme nos aponta o Relatório das Práticas Cotidianas (2009):

É imprescindível, no dia a dia com as crianças pequenas, criar oportunidades para que as professoras possam refletir sobre a intencionalidade educativa dos seus fazeres, tendo em vista romper tanto com práticas excessivamente adultocêntricas, diretivas esvaziadas de sentido, quanto com práticas que “abandonam” as crianças a si mesmas.  
(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 88)

Neste percurso investigativo, tornou-se evidente a necessidade da problematização

---

<sup>5</sup> Questionário em anexo.

<sup>6</sup> MEC- Ministério da Educação (Brasília, 2009).

constante das práticas educativas realizadas com o grupo das Lagartas II no decorrer do ano de 2013, não só das colegas de equipe, mas principalmente sobre a minha.

Sendo assim, não foi possível apenas conhecer e pesquisar sem o desejo de transformar o espaço pesquisado, com a criação de alternativas metodológicas que incluíssem as crianças neste processo investigativo.

Macedo et al. (2012) apontam que:

Pensar as crianças como sujeitos ativos no contexto da pesquisa implica entendê-las como dotadas de capacidade de agir no mundo social e de construir interpretações e intervenções singulares.  
(MACEDO et al. 2012, p. 92)

Toda a produção de conhecimento ocorrida nesta pesquisa foi encontrada na inseparabilidade entre pesquisar e intervir, pois a experiência se deu totalmente enquanto intervenção!

Intencionalmente o outro foi modificado e observado por mim, contudo, creio que concomitantemente minha ação e problematizações das práticas realizadas, também foram modificadas pelas crianças, pelas famílias e por minhas colegas de trabalho.

Minha questão de pesquisa e o modo de construir minha prática educativa mostraram-se indissociáveis neste processo investigativo.

Zago et al. afirmam que as relações interpessoais realizadas no espaço também podem ser percebidas como formas metodológicas de pesquisar e refletir. Diariamente participei de momentos diversos da rotina deste grupo, interferindo de alguma forma na construção desta pesquisa.

Para Zago et al. (2003):

pesquisar é isso. É um itinerário, um caminho que trilhamos e com o qual aprendemos muito, não por acaso, mas por não podermos deixar de colocar em xeque nossas verdades diante das descobertas reveladas, seja pela leitura de autores consagrados, seja pelos nossos informantes, que tem outras formas de marcar suas presenças no mundo. Eles também nos ensinam a olhar o outro, o diferente, com outras lentes e perspectivas. Por isso não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos...  
(ZAGO et al., 2003 apud GOBBATO, 2011, p. 54)

Minha posição como educadora deste grupo de crianças, possibilitou um intenso “mergulho” nesta pesquisa, ou seja, um estudo mais profundo de minhas ações, com a intenção constante de modificação deste espaço em ambiente, favorecendo as discussões e a produção cooperativa de conhecimento.

Macedo et al. (2012) nos fazem refletir ao afirmar que:

a pesquisa – intervenção ocupa um lugar de reflexão e ação, permite o exercício crítico dos sujeitos envolvidos no processo, leva a uma transformação e carrega consigo os valores tanto do pesquisador quanto do pesquisado.  
(MACEDO et al., 2012, p. 97)

Esta proposta de atuação transformadora da realidade, através de minhas intervenções, buscou promover de forma eficaz a busca por dados relevantes a esta pesquisa.

A postura reflexiva permanentemente assumida por mim enquanto professora/pesquisadora, exigiu um exercício cotidiano desta profissão de análise sobre as intenções e conseqüências de meus atos perante este grupo de crianças.

Todas as propostas de intervenção ocasionaram de alguma forma reações no grupo, tenham sido elas de aceitação, ou exclusão deste processo.

Foi preciso perceber como os pequenos significavam suas vivências, a partir das intervenções propostas no decorrer desta pesquisa.

As educadoras e famílias também puderam gerar e construir dados aos exporem o seu envolvimento, ou não nas transformações que ocorriam no cotidiano do grupo no decorrer do ano, pois compreendo a importância no papel destes adultos na construção e organização de um espaço de qualidade para a faixa etária de 0 a 3 anos.

A liberdade de participação de todos com autonomia nesta proposta, oportunizaram diariamente intensos e ricos momentos de experiência social, construindo novas concepções de sujeitos e de grupo.



## 4 CONSTRUINDO A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

### 4.1 O espaço de formação da equipe

No início do ano de 2013, quando recebi minha nova turma Lagartas II, estava envolvida com muitas expectativas e principalmente dúvidas sobre como o grupo de

educadoras e crianças receberiam minhas novas proposições.

Minha primeira conversa foi com a equipe diretiva da escola sobre a proposta de pesquisa e algumas das intervenções que realizaria no decorrer do ano na sala de atividades da turma, que foi acolhida pela direção sem nenhuma restrição.

Na primeira reunião de equipe com as educadoras da turma, apresentei minha proposta de pesquisa e informei que no primeiro semestre realizaria pequenas intervenções na estrutura organizacional da sala, tentando modificar gradativamente a rotina do grupo proposta pela direção da escola.

Deixei à disposição na sala do grupo, materiais de leitura como revistas, artigos e referências de livros para que todas nós pudéssemos pensar sobre o tema – espaço/ambiente.

Nesta primeira reunião com a equipe, olhamos para o espaço que habitávamos e começamos a conversar muito sobre a importância de termos um ambiente acolhedor e alegre, para convivemos durante o ano todo.

Nesta perspectiva, o Relatório das Práticas Cotidianas afirma que:

Os seres humanos, grandes ou pequenos, necessitam de um ambiente acolhedor, tranquilo, belo, alegre e promotor do prazer de viver em comunidade.  
(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 87)

Nossa sala não oferecia muitos atrativos visuais. Encontramos poucos brinquedos e umas duas ou três opções de jogos de construção, em plástico com diversas peças quebradas e uma opção em madeira com as cores já bem desbotadas. A escola não adquiriu nenhum brinquedo ou jogo novo para receber as crianças neste ano.

No questionário realizado, grande parte das educadoras apontou que não há brinquedos que respondam aos interesses das crianças e em quantidade suficiente, ressaltando as primeiras observações da sala das Lagartas II, considerando estes materiais como indispensáveis na construção de um espaço de qualidade, demonstrando a preocupação destas profissionais em povoar a sala com um grande repertório lúdico.

Assim estava a sala<sup>7</sup> no dia da reunião de equipe:

---

<sup>7</sup> Sala de atividades do grupo das Lagartas II.

Figura 3: sala de atividades do grupo das Lagartas II



Fonte: arquivo da pesquisa

A primeira intervenção proposta por mim foi a de decorarmos a porta da sala, para que todos ao chegarem ali pudessem se identificar com a aquela sala e ao mesmo tempo sentirem-se acolhidos de forma alegre, pois se iniciaria o período de adaptação das crianças, famílias e educadoras.

Para Barbosa e Horn (2008), a forma como organizamos o espaço interfere significativamente nas aprendizagens infantis.

A equipe pensou na porta como a possibilidade de torná-la um cartão de visitas deste grupo, onde cada família, ou criança pudesse criar expectativas positivas sobre este local.

Conforme Gandini (1999) o espaço não deverá ser somente um local útil e seguro, mas também deverá ser agradável e acolhedor, revelador das atividades que nele as crianças protagonizam. Assim, as paredes, a disposição das salas de aula, dos corredores e das aberturas e todo o resto expressam uma concepção de educação em que o desenvolvimento da autonomia e o acolhimento às crianças andam juntos (apud Horn, 2004, p. 47).

Figura 4: porta da sala



Fevereiro

Março

Fonte: arquivo da pesquisa

Dentro da sala fomos à luta com o que havia de disponível, para que este espaço se mostrasse o mais aconchegante possível nesta fase de adaptação.

Retiramos das paredes as folhas rasgadas deixadas pela turma do ano anterior, assim como os aparelhos de TV e DVD com os móveis.

O armário com brinquedos foi organizado, selecionando os brinquedos seguros e descartando o que estava quebrado, ou faltando muitas peças, oferecendo riscos às crianças.

Novas caixas foram providenciadas, forradas e/ou limpas. Os livros foram restaurados e procuramos disponibilizar o maior número de brinquedos ao alcance das crianças, pois as prateleiras são bem altas para esta faixa etária.

Quanto à seleção de materiais e a organização dos ambientes periodicamente planejados pelas educadoras, pude constatar na análise dos questionários, como uma prática pedagógica já desenvolvida constantemente nesta escola.

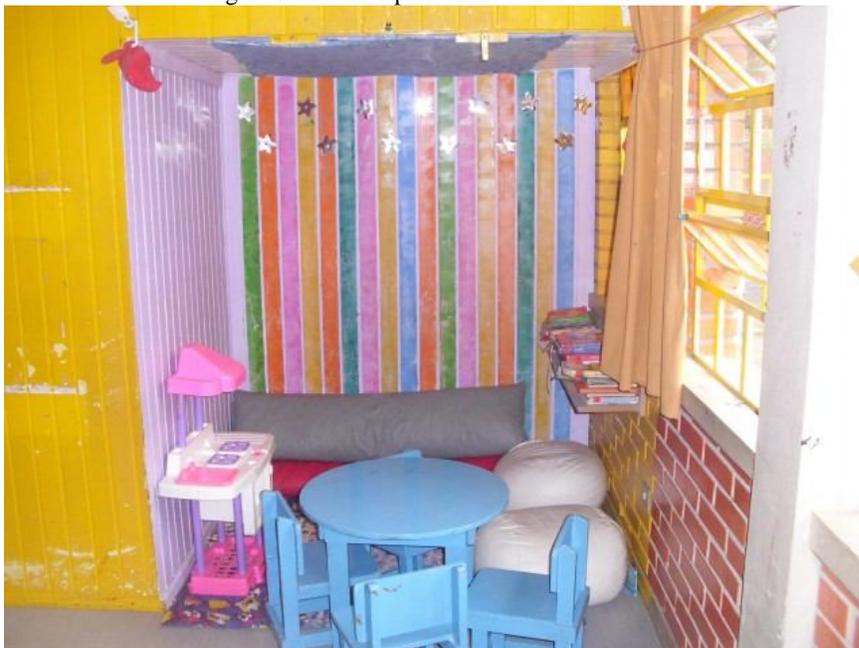
Os ganchos para mochilas foram retirados da parede de entrada da sala, deixando este local livre para a entrada ficar mais tranquila e acessível para as crianças.

Duas prateleiras foram instaladas nas paredes, uma para deixar o rádio e alguns cd's sempre à disposição e a outra para colocar as fraldas da turma.

Iniciei então um garimpo nas demais salas da escola arrecadando brinquedos, ou pequenos móveis de doação para as Lagartas II. Surpreendentemente consegui alguns jogos, dois sofás pequenos, uma cabana desmontável, um túnel, panelinhas, capacetes e carrinhos de boneca.

Os brinquedos arrecadados foram organizados pelas educadoras, criando um cantinho mais atrativo e aconchegante que poderiam oportunizar a leitura e um arranjo espacial que incentivasse as brincadeiras de casinha.

Figura 5: cantinho para brincadeiras de casinha



Fonte: arquivo da pesquisa

Os estudos de Horn (2004) nos auxiliaram a refletir sobre as escolhas realizadas pelos adultos neste momento, sem a participação das crianças, ressaltando sobre a importância da escolha de materiais que instiguem a autonomia moral e intelectual de nossos pequenos, potencializando a autonomia infantil e minimizando o papel do adulto.

#### **4.2 O cotidiano refazendo as práticas educativas**

No período de adaptação me dediquei a observar principalmente os interesses das crianças, com o que mais gostavam de brincar, quais eram os momentos de maior tensão, como se apropriavam deste novo espaço e então comecei a pensar sobre o que estava faltando para que as interações e a ludicidade se transformassem em cenários cotidianos, pois o que percebia diariamente eram seqüências de ações mecânicas, as mesmas brincadeiras, as mesmas propostas de trabalho, as mesmas tensões entre educadoras e crianças.

Neste momento realizei muitas pesquisas de imagens, na busca por alternativas criativas, baratas, mas que pudessem oportunizar um espaço físico desafiador e de maior qualidade às crianças. O vasto repertório de imagens trazidas na disciplina de Currículo, proposta pedagógica, planejamento e organização e gestão do espaço, do tempo e das rotinas em creches e pré-escolas do curso de especialização, povoaram o meu imaginário com possibilidades.

Nos meses de Abril e Maio, percebia que poucas eram as mudanças encontradas na sala deste grupo de crianças. As educadoras em geral traziam geralmente as mesmas propostas de atividades como massinha de modelar – sem recursos que possibilitassem uma modelagem com maior envolvimento por parte das crianças na construção de uma “obra de arte”, como palitos, facas, rolos que criassem texturas e/ou formas diferenciadas.

A hora do conto geralmente era realizada, apenas com a leitura das histórias, sem a utilização de outros recursos que estimulassem também a fantasia e/ou a imaginação, mesmo a escola tendo à disposição diversos materiais como fantoches e fantasias.

Uma rotina repetitiva e com seqüência de ações mecânicas passaram a fazer parte do cotidiano desta turma gradativamente.

Com poucos brinquedos à disposição dos pequenos, as brigas tornaram-se constantes, apesar de brincarem, perdiam a qualidade das interações, sem apresentar liberdade nos movimentos, ou até mesmo contatos físicos de maior intensidade.

Passei a refletir neste momento sobre como os interesses das crianças eram contemplados nas atividades oferecidas pelas educadoras.

Nos questionários aplicados, a maior parte das profissionais de 0 a 3 anos da escola acreditam que a organização das atividades e do tempo, não oferecem simultaneamente um conjunto de opções diferentes que poderiam ser escolhidas pelas crianças de acordo com as suas preferências.

Neste momento percebi que a ânsia pelos resultados desta pesquisa começavam a se sobressair à necessidade da sensibilidade da escuta. Meu fazer pedagógico havia se restringido apenas à organização dos arranjos espaciais, abrindo mão de algo que sempre julguei fundamental com os pequenos: a beleza que emerge das interações, trocas e afetos na convivência.

Horn (2003) em sua pesquisa enfatiza que quando pensamos em espaços, não basta apenas organizar cantos temáticos, ou dispor jogos nas prateleiras é preciso refletir sobre o que desafia este grupo de crianças, onde, como, quando e de que forma a educadora deverá intervir, ou não junto a elas.

Pensando em alternativas que possibilitassem às crianças a oportunidade de movimentos corporais que incentivassem a ludicidade e as brincadeiras, solicitei à direção que retirássemos as mesas e cadeiras da sala, para que nós educadoras não acabássemos recorrendo a elas constantemente, incentivando uma prática pedagógica de maior criatividade, porém este pedido foi recusado, com o argumento de que não havia lugar para guardarmos na escola estes móveis que provavelmente seriam utilizados futuramente por outras educadoras.

Minha segunda alternativa então, foi retirá-las diariamente para o corredor da escola oportunizando desta forma um espaço maior para a realização de brincadeiras e para a expressão das crianças.

Minha atitude acabou oportunizando uma variedade enorme de brincadeiras. Agora podíamos até mesmo correr sem esbarrarmos em nada!



Figura 6: brincadeiras



Fonte: arquivo da pesquisa

Neste novo espaço, surgiram muitas brincadeiras de roda do folclore popular brasileiro, mas a preferida das crianças era: -Vamos brincar no bosque enquanto seu lobo não vem!

No início surgiram desafios que para nós adultos parecem simples, como formar uma roda, contudo, para os pequenos este ato de dar as mãos e colocar-se no grupo pode oportunizar a construção da autonomia e da personalidade de cada um.

O Relatório das Práticas Cotidianas (2009) enfatiza que:

Não nascemos sabendo nos relacionar com os demais. Embora sejamos biologicamente sociais, precisamos, no convívio, aprender as formas de

relacionamento.  
(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 13)

Em muitos registros no meu diário de campo constatei que gradativamente as crianças passavam a compreender as brincadeiras em grupo, como algo desafiador e ao mesmo tempo de muita alegria, pois percebia em seus olhares e sorrisos o prazer em estarem na companhia de seus colegas e educadoras.

Conforme Horn (2004) o espaço assim organizado, favorece interações entre crianças, promovendo a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências e habilidades e, por conseguinte, a construção da autonomia moral e intelectual.

Nestes momentos de diversão e envolvimento com as crianças observava a dificuldade das minhas colegas em permitirem-se brincar. Constantemente encontrava nelas expressões de constrangimento e algumas vezes de insatisfação, optando nestes momentos por atenderem os pequenos em suas demandas como troca de fraldas, uso do banheiro, troca de roupa e etc.

Considero tais demandas de cuidados como parte integrante e fundamental da infância, contudo, não conseguia perceber a troca de experiências lúdicas das crianças com as educadoras, pois constantemente utilizavam estes momentos para se ausentarem das brincadeiras.

Em algumas situações constatava inclusive a dificuldade na comunicação das crianças com minhas colegas ao solicitarem materiais para comporem suas cenas lúdicas, pois como não estavam imersas no mundo imaginário não conseguiam compreender a urgência no acesso a tecidos, bolas, cordas e outros materiais alternativos.

Diariamente os pequenos cobravam o momento de retirada das mesas e auxiliavam com grande empenho, carregando as cadeiras e agindo em grupo para levarmos as grandes mesas para fora da sala assumindo aos pouco o papel de agentes transformadores deste espaço.

O Relatório das Práticas Cotidianas (2009) traz uma importante contribuição afirmando que:

importante destacar que a participação das crianças nas opções e decisões da escola não se reduz à atenção aos desejos individuais e interesses momentâneos de um grupo, muito menos à espera dos adultos pela “clareza” das “palavras” que comunicam interesses ou opiniões naquilo que as afeta no coletivo. Antes supões considerar que a participação das crianças na gestão da escola acontece processualmente, em diferentes níveis, o que implica mudanças nas práticas cotidianas.

(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 66)

Estes momentos sempre me emocionaram muito, pois percebia nesta atitude das crianças algumas respostas sobre minha pesquisa. As educadoras nestes momentos optaram por não envolverem-se no árduo trabalho de carregar as grandes mesas diariamente, pois não conseguiam romper com o paradigma de uma escola mais tradicional, imaginando propostas criativas para compor as atividades da turma.



## **5 UM ENCONTRO COM AS INFÂNCIAS: MAPEANDO INTERVENÇÕES**

Após um período sem mesas ou cadeiras, outras possibilidades de qualificação do espaço físico da sala foram pensadas, com a intenção de que este grupo tivesse maior autonomia em suas escolhas, passando a trabalhar com as crianças e não para as crianças.

O grupo das Lagartas II possuía uma intensa paixão por bolas! Gostavam de jogar futebol, pois esta era uma brincadeira facilmente encontrada em suas culturas familiares. Tinham o costume de jogar com os irmãos e pais e cada bola encontrada na sala, ou no pátio da escola causavam grande agitação na turma.

Devido o interesse neste brinquedo tão popular e a facilidade em adquirirmos este objeto de baixo custo, passei a realizar brincadeiras com bolas mais seguidamente na nossa rotina.

Procurei disponibilizar bolas de diferentes materiais, texturas, pesos e tamanhos estimulando as percepções e sensações das crianças.

Passei a pesquisar possibilidades de disponibilizar bolas no espaço da sala mais constantemente, para que estivessem sempre ao alcance dos pequenos, sem que as educadoras precisassem alcançá-las, possibilitando a autonomia ao buscar este material.

### 5.1 A piscina de bolinhas

Para a surpresa de todos na escola, construí uma piscina de bolinhas na sala! Bem simples, mas muito divertida criada com materiais que estavam em um depósito, porém não eram utilizados.

Esta foi uma idéia barata, criativa e com uma ajudinha para fazer os furos nas paredes, ficou ótima, aproveitando um pequeno espaço no canto da sala que não era muito utilizado pelas crianças.

Figura 7: piscina de bolinhas





Fonte: arquivo da pesquisa

As crianças literalmente se jogaram de cabeça na brincadeira, todos chegavam à sala motivados para utilizarem este cantinho tão legal, muitos não queriam mais nem se despedir das famílias na hora da chegada.

Os pais ao chegarem à sala perguntavam onde estavam as crianças, pois da porta não conseguiam enxergar a piscina, então eram convidados à dar uma “espiadinha” na novidade. As reações eram as mais diversas, pois pude testemunhar pais que prontamente colocaram seus filhos nas bolinhas, outros que acharam interessante, mas não se entusiasmaram muito e outros ainda, que se pudessem, teriam entrado junto na brincadeira, mas em geral todos gostaram muito!

Neste novo espaço lúdico, aparentemente com limitadas possibilidades de interações, novas aprendizagens começaram a se constituir. Os pequenos passaram a confrontar idéias e opiniões, a buscar novas formas de dialogar com seus pares, construindo resoluções de problemas.

Nesta perspectiva é preciso reconhecer a dimensão destacada pelo Relatório das Práticas Cotidianas (2009):

Cuidar exige colocar-se em escuta às necessidades, aos desejos e inquietações, supõe encorajar e conter ações no coletivo, solicita apoiar a criança em seus devaneios e desafios, requer interpretação do sentido singular de suas conquistas no grupo, implica também em aceitar a lógica das crianças em suas opções e tentativas de explorar movimentos no mundo.

(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 69)

Estar atento, também significa reconhecer os limites da proposta do professor, assim se configurou a piscina de bolinhas, um espaço atrativo, porém pequeno para que vinte crianças utilizassem ao mesmo tempo! A única combinação realizada pelas educadoras era a de que só

poderiam entrar três crianças por vez.

Com apenas esta combinação várias dificuldades começaram a surgir, tais como: o tempo de permanência de cada um, de que forma poderiam brincar sem machucar os colegas e se poderiam atirar as bolinhas para fora, ou não já que não havia uma tela delimitando o local.

A postura das educadoras neste momento inicial foi sempre de mediação, rompendo com o domínio dos adultos sobre as atitudes das crianças, pois aos poucos passaram a perceber que o diálogo era necessário com seus colegas permitindo entre eles o confronto de idéias e estratégias na resolução de conflitos, pois agora os adultos não solucionariam mais seus conflitos.

As primeiras semanas foram de constantes enfrentamentos, pois nascia ali a necessidade de um ambiente de cooperação. O exercício da autonomia se deu enquanto brincadeira diariamente.

Horn (2004) em seus estudos considera que o modo como as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado, mas que isso se deve, em grande parte, ao protagonismo infantil, consequência de sua própria atividade e dos recursos que colocamos ao seu alcance.

Em alguns momentos percebia o quanto minhas colegas demonstravam desconforto ao exercerem o papel de mediadoras, apresentando pouca disposição para os momentos de diálogo com os pequenos.

Certamente episódios de choro, mordidas e brigas ocorreram no processo, contudo, aos poucos novos cenários foram sendo construídos dentro e fora da piscina de bolinhas.

Brincadeiras de guerra, com lutas e duelos, passaram a ser constantes no dia a dia da turma dentro da piscina de bolinhas. Utilizando diversas máscaras de super heróis selecionadas pelas educadoras e disponibilizadas em uma caixa na sala, imaginavam seus ídolos dos desenhos, ou quadrinhos.

Com a diversidade de máscaras selecionadas, novos enredos foram construídos pelas crianças, pois criavam situações imaginárias da vida cotidiana, como assaltos e guerras, salvando “mocinhos”, prendendo “bandidos”.

Sendo assim, a piscina de bolinhas gradativamente passou a compor este cenário lúdico dos super-heróis, como uma “batcaverna”, uma cadeia, ou até mesmo como um castelo.

Figura 8: brincadeiras com super-heróis



Fonte: arquivo da pesquisa

Percebia esta brincadeira de vilões e mocinhos como a possibilidade de encararem os seus medos e desafios, pois brincando a criança assume papéis de faz-de-conta, onde estabelecem um diálogo entre o próprio eu e o mundo.

Considero fundamental o referencial de Fortuna (2008), ao afirmar que:

Brincando, a criança interage com seus pares, negocia regras de convivência, decide constantemente sobre o tema, escolha e exercício de papéis a serem representados, cria e resolve problemas e levanta hipóteses.  
(FORTUNA, 2008, p. 186)

A piscina de bolinhas assumiu o papel de esconderijo secreto de nossos heróis, pois brincavam de dar “tiros” com armas imaginárias, ou de atirar “bombas” contra seus inimigos. Algumas crianças mostravam-se tão imersas neste faz-de-conta, que permaneciam por longos períodos envolvidos na brincadeira, assumindo diferentes papéis e construindo personagens.

A busca por novos repertórios lúdicos para as crianças possibilitaram a ampliação do

imaginário infantil deste grupo, inicialmente ofertados e incentivados pelas educadoras e posteriormente, recriados pelos pequenos. Brincando, diariamente passaram a construir suas hipóteses sobre a sociedade e a vida em comunidade.

## 5.2 Novos cenários

Na tentativa de oportunizar novos desafios, brincadeiras e interações, na parede que antes era vazia na sala, instalei uma prateleira bem baixa, ganchos, telefones, carrinhos de boneca e uma pequena cozinha.

Figura 9: parede



Fonte: arquivo da pesquisa

Com este novo arranjo espacial e muitas possibilidades à disposição dos pequenos, estes corpos que agora se movimentavam, passaram a interagir e socializar, mesmo que anteriormente já o fizessem, agora este espaço oportunizaria a construção de diferentes repertórios lúdicos com maior autonomia.

As primeiras brincadeiras que surgiram foram as relacionadas às suas vivências familiares de cuidado e afetividade, reproduzindo a hora de comer, dormir, passear e realizar a higiene.

Figura 10: brincadeiras relacionadas às vivências familiares



Fonte: arquivo da pesquisa

Nesta época comecei a lembrar muito dos encontros com a prof<sup>o</sup> Tânia Fortuna, enquanto realizava meus registros no diário de campo, de suas deliciosas brincadeiras e da

alegria em compartilhar aqueles momentos com minhas colegas de especialização, passando a perceber que meu fazer pedagógico havia se distanciado da criança que habitava em mim.

Compreendi que era necessário o meu envolvimento neste mundo do faz de conta, convidando todos a participarem das brincadeiras. Foi necessária muita atenção e calma da parte de todas as educadoras para escutar e sentir os desejos de cada um, pois aos poucos todos começam a assumir papéis diferenciados neste processo de construção de repertórios lúdicos.

Passamos a perceber a formação de pequenos grupos constituídos pelos interesses em comum. Grupos de super – heróis, grupo familiar (papai, mamãe e filhos), grupo de animais (geralmente cachorros da família), grupo dos motoristas com seus carros, ônibus e caminhões velozes, assim como outras composições imaginárias.

Os brinquedos possibilitaram a ampliação deste repertório lúdico, se apresentando como instrumentos para a criação de cenários, como o espaço da “casinha”, onde as panelinhas convidavam ao imaginário das refeições.

Apesar da dificuldade de minhas colegas em participarem das brincadeiras com maior envolvimento, percebia que conseguiam de alguma maneira incentivar os pequenos à procura de seus pares, buscando inseri-las em algum contexto lúdico, ofertando brinquedos e convidando as crianças a participarem.

As novas intervenções propostas por mim, gradativamente contagiavam esta equipe, articulando novas possibilidades do fazer pedagógico, não apenas meu, mas também o de minhas colegas de turma.

A teia de relações construída dia a dia no grupo das Lagartas II possibilitou diversas trocas de culturas e experiências de vida. Brincando, as crianças passaram a confrontar conhecimentos e repertórios lúdicos.

Qualificar o brincar requer empenho, planejamento e muita disposição! Assim passei a me envolver mais nos diálogos com os pequenos, assumindo alguns papéis nas brincadeiras como: mamãe, filha, motorista do ônibus, maquiadora, médica, paciente e etc.

Segundo Bondioli (1998):

A cumplicidade que se cria entre adulto e criança que brincam juntos não possui somente o efeito de oferecer à criança uma gama de possibilidades lúdicas posteriores, em relação aquela que poderia experimentar sozinha ou com os colegas, mas também permite ao adulto a redescoberta de aspectos de sua infância esquecida. (BONDIOLI, 1998, p. 227)

Esta intensidade na relação com as crianças facilitou a comunicação entre elas

mesmas, pois participava procurando não interferir como educadora, mas sim como alguém disposta a oferecer a capacidade de autogerenciamento a elas.

Conflitos, disputas por brinquedos, choros, manhas e etc. passaram a ser solucionados por eles mesmos, apenas em situações mais extremas é que mostrava-se necessária a intervenção das educadoras.

O encorajamento das brincadeiras simbólicas oportunizou o compartilhamento, a solidariedade, a comunicação e principalmente as interações.

Mesmo compreendendo e oportunizando momentos para as brincadeiras ocorrerem, acabei dedicando grande empenho apenas no planejamento e na observação, me ausentando da construção das teias de relações que ocorrem nos contextos lúdicos.

Fortuna (2004) considera que por meio da brincadeira, tanto a realidade interna quanto a realidade externa é transformada, é também a partir da brincadeira que a ação de compreender quem brinca é construída.

Percebia que em diversos momentos as crianças precisavam de um repertório lúdico inicial para incentivar as brincadeiras. Preparar o espaço para a imaginação, não era suficiente, tornando-se necessária a participação dos adultos como agentes de divulgação da cultura lúdica, ao apresentarem novos repertórios, vocabulários, transformando as relações e interações.

Ao assumir um distanciamento emocional das ocasiões lúdicas, me ausentei dos processos de desenvolvimento da comunicação, das dinâmicas que se construía diariamente entre os pares, fragilizando a construção de novos cenários estimulantes para as brincadeiras.

Bondioli (1998) aponta que:

é necessário que o adulto preste muita atenção na progressão evolutiva da criança com quem brinca, que saiba reconhecer não somente as atividades lúdicas imediatamente satisfatórias para a criança, mas que saiba intuir quando a criança está pronta para um salto de qualidade, intervindo com propostas de jogo inéditas ou mais complexas.

(BONDIOLI, 1998, p. 227)

A retirada das mesas da sala oportunizou um espaço central grande, porém vazio. Para preencher esta grande área, constantemente buscava na sala do grupo das Lagartas I brinquedos diversificados para compor as brincadeiras e auxiliar os contextos lúdicos diariamente.

As mesas gradativamente voltaram para a sala, porém agora ficavam em um cantinho e as próprias crianças me ajudavam a arrastá-las. Este ato de afastarmos as mesas era

entendido pelas crianças como a hora em que a diversão iria começar. Elas só eram utilizadas agora quando as crianças buscavam este espaço para imaginar cavernas, esconderijos, ou para montarem suas construções.

Figura 11: uso das mesas



Fonte: arquivo da pesquisa

A barraca, o tapete da sala e o túnel passaram a ser procurados com maior frequência, tornando-se itens indispensáveis nas brincadeiras. Nestes espaços e embaixo das mesas, novas brincadeiras começaram a surgir, longe dos olhos constantes dos adultos os momentos de privacidade possibilitaram novos diálogos e parcerias.

Figura 12: barraca e tapete





Fonte: arquivo da pesquisa

### 5.3 Colorindo o imaginário

No mês de Julho algo inesperado aconteceu, minha turma enfrentou um surto fortíssimo de catapora – todos pegaram!

Aproveitei a oportunidade para realizar uma modificação na nossa sala, pintando uma das paredes que possuía nada menos do que três cores diferentes. A escola já tinha a tinta necessária para a pintura, então eu mesma encarei o desafio de realizar a mão de obra.

Neste período, a maior parte das educadoras da escola tiveram a oportunidade de utilizar suas horas extras para realizarem um pequeno recesso de inverno, desta forma não pude contar com a parceria de outras pessoas para a realização deste trabalho.

As salas de atividades da escola, em geral apresentam boa luminosidade, porém sempre foi um desejo das educadoras pintar estes espaços com cores que oportunizassem a sensação de ambientes mais claros, iluminados e que transmitissem tranquilidade.

Sendo assim, uma cor bem clara (azul pastel) foi escolhida para colorir uma das paredes da sala.

Segundo Ceppi e Zini (2013):

As paredes, como plano de fundo para comunicação, documentação, produtos e objetos, devem ser cromaticamente “hospitaleiras”; isto é, é melhor ter uma única cor que age como base que sustenta as imagens penduradas nas paredes e que dá ao espaço um elemento unificador.  
(CEPPI; ZINI, 2013, p. 74)

Assim era a parede antes da pintura:

Figura 13: parede antes da pintura



Fonte: arquivo da pesquisa

E assim ficou após a pintura:

Figura 14: parede após a pintura



Fonte: arquivo da pesquisa

A sala parecia estar mais iluminada, proporcionando agora uma intervenção cromática dos brinquedos e dos habitantes deste espaço.

Novos arranjos foram disponibilizados, como um cantinho mais colorido e aconchegante para a leitura, com livros emprestados da biblioteca e diversos materiais que poderiam oportunizar diferentes e mais elaborados repertórios lúdicos.

Figura 15: novos espaços



Fonte: arquivo da pesquisa

Retirando alguns brinquedos do armário, foi possível deixarmos a maioria deles ao alcance das crianças, possibilitando desta forma suas escolhas individuais.

Figura 16: escolhas dos brinquedos



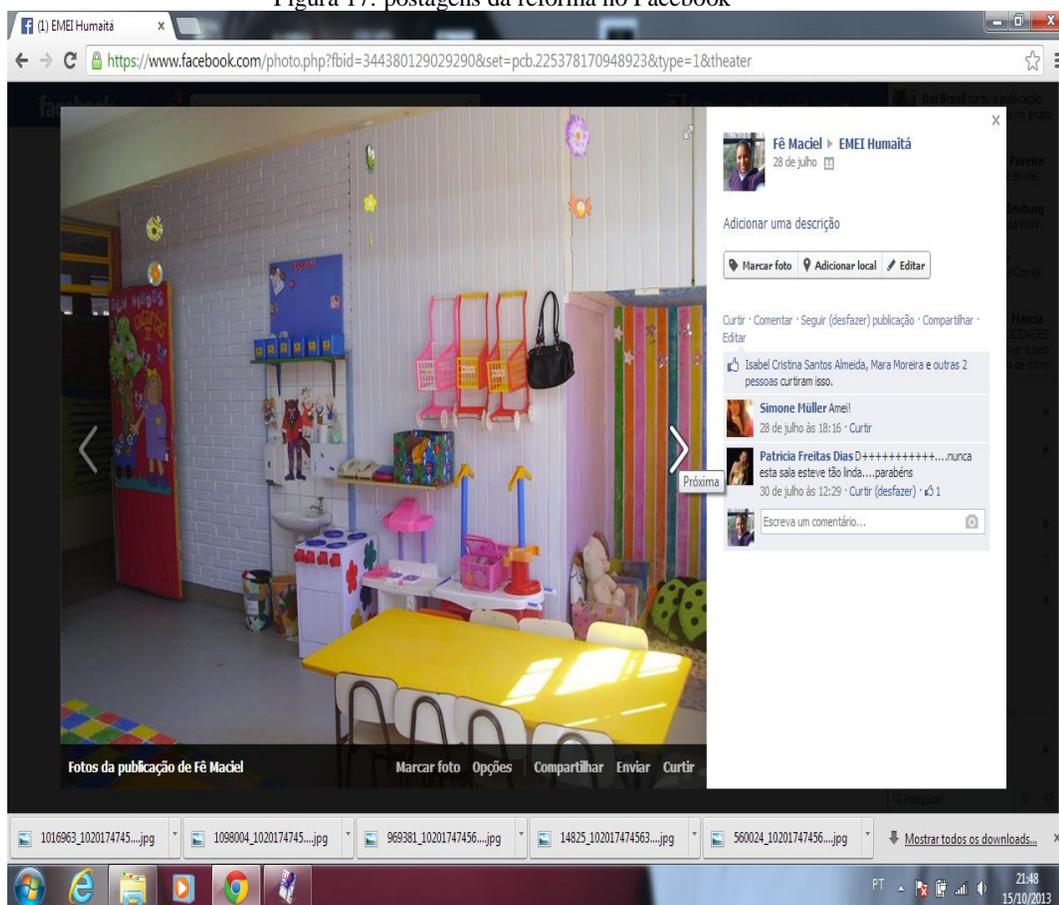
Fonte: arquivo da pesquisa

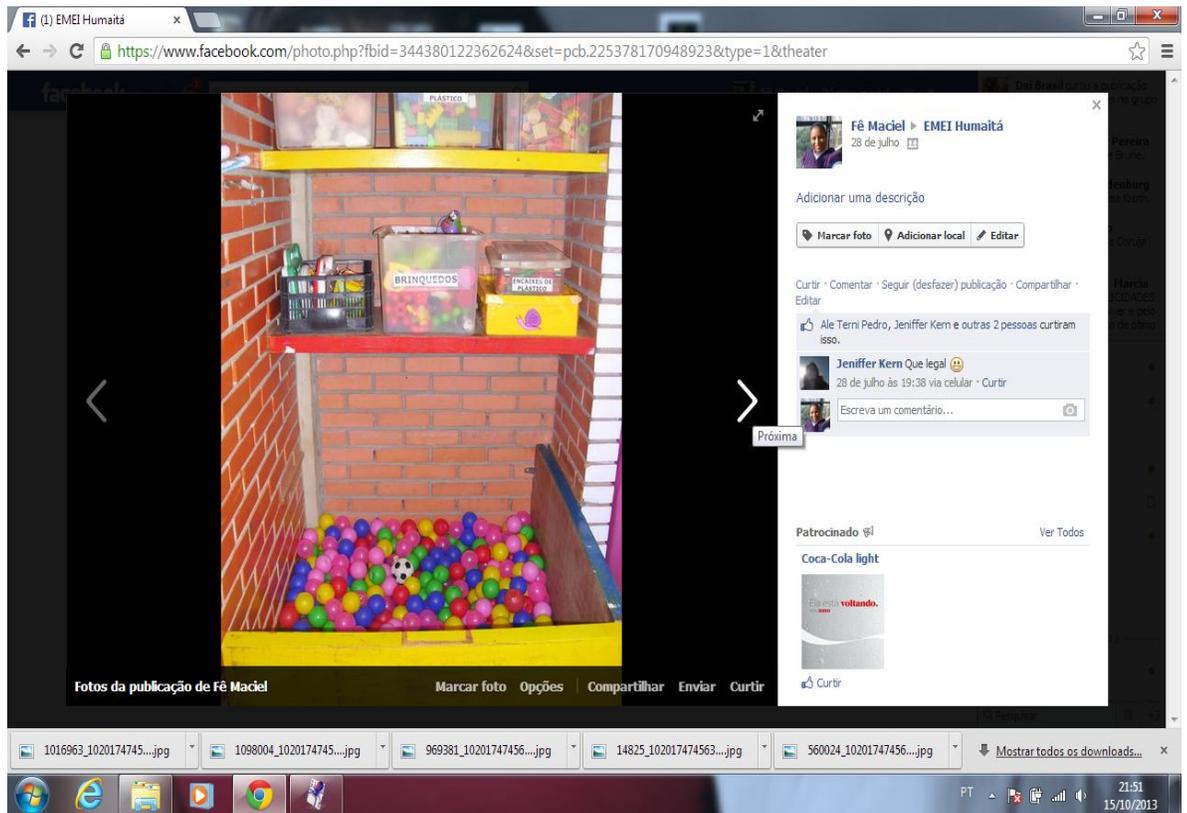
Como muitas das educadoras passaram um período afastadas da escola devido ao recesso escolar, publiquei na página privada do grupo da escola na rede social Facebook as fotos da reforma.

O retorno com mensagens das colegas foi muito positivo, pois durante alguns dias várias pessoas puderam acompanhar as mudanças ocorridas nesta sala, deixando suas opiniões sobre elas.

Foram muitos comentários elogiando o novo visual que definia uma nova perspectiva de disposição do ambiente.

Figura 17: postagens da reforma no Facebook







Fonte: arquivo da pesquisa

Nesta perspectiva, Barbosa e Horn (2008) afirmam que o espaço deve incentivar e estruturar as experiências corporais, afetivas, sociais e as expressões das diferentes linguagens da criança. O ambiente bem-estruturado, mas flexível e passível de mudanças, deverá prever a possibilidade de os materiais também se modificarem ao longo do ano, acompanhando a trajetória do grupo, ou seja, suas novas aquisições, suas necessidades e seus interesses. (p. 75)

Considero que o retorno das crianças foi um momento importante desta pesquisa, pois tive a oportunidade de vivenciar ao lado dos meus pequenos o reencontro, destaco que este momento não foi marcado apenas pela nova pintura deste espaço, mas pela construção de um novo ambiente!

Este período de reforma da sala foi importante para minha reflexão sobre as necessidades das crianças e qual minha proposta educativa para este grupo.

Conforme Zabalza (1998) aponta:

é preciso que o professor(a) seja um observador reflexivo, disposto a analisar e a avaliar em todos os momentos se a disposição do ambiente responde de maneira eficaz às intenções educativas que nos impulsionavam e, se não for assim, ter a disposição de fazer todas as transformações que forem necessárias.  
(ZABALZA, 1998, p. 267)

As crianças após os novos arranjos passaram a construir novas brincadeiras, estabelecer novos pares e a exigir mais das educadoras. A sala ficou pequena para tanta curiosidade e os olhares curiosos passaram a desejar o MUNDO.

Passsei a perceber que o nosso dia a dia tornou-se mais rico, pois as trocas passaram a ter maior profundidade entre as crianças e as educadoras. Todos sentiam-se como parte deste novo ambiente construído com carinho e envolvimento gerando expectativas positivas sobre nossos encontros diários.

#### **5.4 Vamos para o pátio grande?**

Apesar de nossa sala ter ficado linda com a nova composição, passei a perceber o grande interesse das crianças em observarem a rua.

A janela da nossa sala possui uma vista privilegiada da horta da escola, onde tem muito verde, plantas, árvores e pássaros, porém somente os adultos é que conseguem visualizar tranquilamente este espaço de dentro da sala, pois as janelas são altas e as crianças precisam ficar na pontinha dos pés para enxergarem algo.

Figura 18: visão das crianças



Fonte: arquivo da pesquisa

Figura 19: visão dos adultos



Fonte: arquivo da pesquisa

Pensei em algumas alternativas para auxiliá-los, como por exemplo, um degrau que possibilitasse o acesso das crianças à janela, mas por falta de recursos não foi possível, então em uma manhã combinamos que todos poderiam subir nas cadeiras da sala, ressaltando alguns cuidados para que ninguém se machucasse.

Figura 20: visão das crianças em cima das cadeiras



Fonte: arquivo da pesquisa

Macedo et al. (2012) em seus estudos apontam que:

O olhar da criança se oferece ao adulto como um promissor desvio ao seu olhar habitual. Esse desvio pode nos levar a ver coisas que não teríamos como encontrar da posição em que irremediavelmente estamos.  
(MACÉDO et al., 2012, p. 106)

Nos relatos do meu diário de campo, encontrei diversos registros sobre como todos passaram a observar e analisar a natureza com um olhar mais atento e o tempo parecia transcorrer em uma velocidade diferente. A tempestade que se formava, o vento sacudindo as folhas, raios, trovões, a chuva que caía, a planta que era molhada, o pássaro que se banhava, tudo cuidadosamente visto, sentido e pesquisado pelas crianças.

Horn (2011) afirma que “No ambiente natural, as crianças estão à procura de qualquer pequeno detalhe e absorvem tudo ao seu redor.” (p. 50)

O olhar pela janela provocava um convite ao pátio e assim nossas visitas à horta passaram a fazer parte constante da rotina, utilizando nossos sentidos, explorando este novo ambiente.

Figura 21: horta da escola<sup>8</sup>

Fonte: arquivo da pesquisa

Neste novo ambiente os primeiros enredos surgidos foram os associados aos cuidados com o meio ambiente – jardineiros e/ou fazendeiros, povoavam o imaginário do grupo, que passaram a utilizar ferramentas como regadores, pás e carrinhos de mão para explorar a horta.

O Relatório das Práticas Cotidianas (2009) analisa o pátio como o primeiro observatório da natureza e sua disposição e o cuidado dos adultos em relação a ele favorece a criação de atitudes de cuidado e responsabilidade com o que nos rodeia.

---

<sup>8</sup> A escola possui uma proposta de preservação ambiental e a horta situada logo na entrada, possibilita a todos os grupos etários a interação com a natureza.

Todas as vezes em que o grupo saía para a horta, ou para o pátio, algumas combinações precisavam ser construídas entre as crianças e educadoras.

As primeiras explorações foram bem conturbadas, pois a horta mostrava-se como um ambiente rico em multiplicidade de desafios, onde cada um utilizava sua bagagem cultural para realizar descobertas.

Foi necessário que as educadoras planejassem algumas atividades estruturadas e outras mais flexíveis para atender a diversidade de interações das crianças com o meio ambiente. Sendo assim, foram propostos plantios, regas, colheitas e cuidados em geral com a horta, que conforme o interesse das crianças convidava a participar.

Para Bondioli (1998) o adulto, além de garantir uma presença tranqüilizadora, necessária para motivar comportamentos lúdicos, pode cumprir uma função desinibidora em relação àquelas crianças que demonstram dificuldade ou medo ao enfrentar materiais pouco conhecidos e situações inéditas.

Neste espaço os pequenos puderam experimentar novas texturas e sensações, entraram em contato com pequenos insetos, materiais orgânicos em processo de decomposição e observaram a natureza diretamente construindo teorias e reflexões.

Outros ambientes começaram a ser utilizados com maior frequência pela turma, explorando gradativamente a autonomia de todos, diversificando brincadeiras e parcerias.

Figura 22: área coberta da escola<sup>9</sup>



<sup>9</sup> Esta área fica na entrada da escola, onde geralmente ocorrem as festas e eventos coletivos.



Fonte: arquivo da pesquisa

Figura 23: culinária no refeitório da escola



Fonte: arquivo da pesquisa

Aos poucos, nossos pequeninos foram apropriando-se da escola e de todos os ambientes pensados pelos adultos para eles, mas sem dúvida o momento mais esperado por todos era o do pátio grande!

Com a chegada das temperaturas mais elevadas uma nova organização da rotina foi

pensada pelas educadoras, para que as crianças pudessem desfrutar de maior tempo ao ar livre e então passamos a interagir no pátio grande da escola com amigos de outros grupos etários.

Como é visto no Relatório das Práticas Cotidianas (2009):

Os artefatos e as brincadeiras ensinadas pelos adultos, e observadas, imitadas e transformadas pelas crianças, tornam-se o repertório inicial. Assim como a geração adulta é importante na transmissão cultural, as crianças mais velhas também são importantes agentes de divulgação da cultura lúdica ao apresentarem outros repertórios e outros vocabulários.

(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 72)

Até a metade do ano este grupo freqüentava apenas o pátio denominado “Lagartário” que possui brinquedos construídos para a faixa etária desta turma, porém apresentando poucos desafios motores e espaço para a criação de um repertório de brincadeiras mais amplo.

Ao chegarem na escola sempre perguntavam se iríamos no pátio grande naquele dia e ao receberem a resposta afirmativa a empolgação tomava conta de todos, que rapidamente organizavam os preparativos para este momento.

Neste espaço bem amplo e desafiador, nossos pequenos experimentaram novas sensações e se aventuraram na superação de seus medos. Os outros grupos de crianças da escola tiveram um papel fundamental neste processo, pois tornaram-se facilitadores neste ambiente novo, mediando, compartilhando e criando novas interações.

Barbosa e Horn (2008) apontam que quando os adultos atuam de maneira a não centralizar as atividades, permitindo que as crianças procurem competentemente materiais e atividades que as desafiem.

Os momentos compartilhados neste local criaram inúmeras possibilidades de interação e aprendizagens, onde raramente encontrávamos conflitos.

As educadoras mostravam-se sempre dispostas à incentivar as novas descobertas e a superação das dificuldades encontradas pelas crianças, encorajando-as a utilizarem os brinquedos disponíveis, ou a criarem novos repertórios.

Figura 24: pátio grande



Fonte: arquivo da pesquisa

Apesar de existirem novas possibilidades de exploração dos ambientes da escola, nossa sala continuava acompanhando as conquistas e evoluções do grupo e outras intervenções foram propostas.

Um novo repertório começou a permear as brincadeiras dos pequenos. Observava-os constantemente imaginando reparos em seus carrinhos e até mesmo nas paredes. Sendo assim, busquei na escola diferentes brinquedos para compor este novo cenário lúdico, oportunizando experiências com ferramentas e materiais de construção.

Figura 25: novos brinquedos





Fonte: arquivo da pesquisa

Para Zabalza(1998):

na organização do espaço é preciso que o professor(a) tenha uma atitude de observação que o mantenha informado da influência que o projeto do ambiente está exercendo sobre a conduta das crianças e sobre a sua aprendizagem.  
(ZABALZA, 1998, p. 267)

Ao descobrir necessidades e desejos implícitos nas brincadeiras, propondo novos arranjos espaciais e incentivando diferentes repertórios lúdicos, aos poucos todas as crianças

passaram a exercer o protagonismo infantil de forma ativa, compartilhando o fazer pedagógico e a organização dos ambientes.



## 6 UMA NOVA PROPOSTA

No decorrer deste processo de pesquisa muitas foram minhas dúvidas e propostas de intervenção, contudo sem o envolvimento das crianças e de minhas colegas, não teria conseguido encontrar os achados deste estudo.

Em todos os momentos tive como parceiros desta “aventura” os meus amados pequenos, me incentivando, me instigando, me motivando!

Após as leituras realizadas durante o curso de especialização tinha a certeza sobre o tema da minha pesquisa, pois esta seria a oportunidade de repensar minha prática com os pequenos oportunizando novos olhares sobre a educação planejada para eles.

Neste processo foi necessário desconstruir muitos conceitos e hábitos no meu dia a dia, porém tal atitude proporcionou mudanças significativas em mim e minha turma no decorrer do ano.

Voltar minha proposta pedagógica para as aprendizagens enquanto interações possibilitaram a ruptura de paradigmas educativos inspirados em modelos escolarizantes para a educação infantil.

A intencionalidade das intervenções propostas por mim e minha equipe, voltadas para a construção de experiências cotidianas na infância, com maior riqueza de interações, ocorreu sustentada nas relações afetivas que se fortaleciam diariamente.

Percebo desta forma, a pesquisa-intervenção como uma proposta metodológica importante na construção da ação educativa com as crianças pequenas, pois esta escolha possibilitou não apenas o relato de uma determinada realidade, mas sim o testemunho dos processos infantis ocorridos na convivência diária deste grupo.

As teias de relações encontradas nesta turma, oportunizaram a reflexão constante sobre minha prática docente, interagindo, observando, pesquisando, intervindo e principalmente construindo novos olhares sobre as infâncias e a ludicidade.

No decorrer desta pesquisa pude perceber que as intervenções na sala buscavam constantemente uma mudança na postura e brincadeiras das crianças, contudo a maior modificação creio que ocorreu em mim mesma, ou seja, em minhas práticas pedagógicas.

Ao incentivar as crianças na busca pela autonomia, gradativamente modifiquei minha postura perante esse novo desafio, buscando formas de descentralização da minha figura como educadora deste grupo.

O Relatório das Práticas Cotidianas (2009) aponta que:

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências cotidianas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados nas diferentes áreas do conhecimento.  
(Relatório das Práticas Cotidianas, 2009, p. 8)

Penso que o processo de formação com a equipe através de leituras, pesquisas, conversas e trocas de experiências, possibilitou a construção das mudanças significativas na sala e na rotina deste grupo.

A participação das educadoras fomentou a transformação do espaço em ambiente, construído gradativamente pelas múltiplas relações afetivas, cognitivas e sociais, ao refletirem

sobre as necessidades e desejos implícitos nas brincadeiras infantis.

Nesta perspectiva o espaço se constituiu como uma dimensão fundamental nas práticas educativas entre crianças-crianças e crianças-adultos.

Esta pesquisa necessitou da interação mútua entre as educadoras e o espaço em transformação, ao criarem novos arranjos espaciais, reestruturarem o ambiente e desafiarem-se a novas práticas educativas.

Com a organização dos ambientes, a prática docente pode ser estruturada a partir de uma pedagogia das relações no grupo das Lagartas II, incentivando e oportunizando as interações e a pluralidade de experiências.

Durante o processo de intervenção, o espaço não pode ser avaliado por metragens e materiais disponíveis, mas sim pela intensidade nas interações que eram construídas diariamente entre as crianças e as educadoras.

A participação dos pequenos como protagonistas desta pesquisa, não anulou o papel fundamental do educador nas intervenções propostas, ao ler e sentir as necessidades do grupo, ampliando suas experiências lúdicas e sociais.

Desta forma, o educador ao transformar o espaço da sala de aula em um parceiro educativo, pode possibilitar novas aprendizagens e experiências às crianças.

A pesquisa-intervenção pressupõe um processo onde todos os sujeitos envolvidos são alterados, pois colocam-se em diálogo, permitindo que crianças e adultos participem de um exercício crítico no processo de reflexão e ação.

As experiências compartilhadas neste grupo, oportunizaram a construção da ação educativa voltada para a complexificação do sentir, do pensar, da ludicidade e das interações, através da disponibilidade adulta para a escuta das crianças, assim como diferentes propostas de intervenção no espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. *Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- CAMPOS de Carvalho, Mara; MENEGHINI, Renata. Arranjo espacial na creche: Espaço para Interagir, Brincar Isoladamente, Dirigir-se Socialmente e Observar o Outro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, vol.16, n°2, 2003.
- CARVALHO, Mara Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização do espaço em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (Org.). *Educação Infantil: Muitos Olhares*. São Pulo: Cortez, 1994.
- CEPPI, Giulio; ZINI, Micheli. *Crianças, espaços e relações: como projetar espaços para a educação infantil*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Resolução n° 003*, de 25 de Janeiro de 2001. Estabelece as normas para a oferta da Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre, RS, 25 jan. 2001.
- CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Resolução n° 004*, de 04 de Outubro de 2001. Fixa normas para a designação e a denominação de Estabelecimentos de Educação Infantil integrantes do Sistema Municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre, RS, 04 out. 2001.
- CRAIDY, Carmem (Org). *Convivendo com crianças de 0 a 6 anos*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. *Educação Infantil. Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília, 2010. 40p.
- ESCOLANO, Augustín; FRAGO, Antonio Vinao. *Currículo, Espaço e Subjetividade – A arquitetura como programa*. Tradução por NETO, Alfredo Veiga. Rio de Janeiro: Ed. DP&A Editora, 2001.
- FERREIRA-ROSSETI, Maria Clotilde et al. *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2012.
- FOCHI, Paulo Sergio. *Mas os bebês fazem o quê no berçário, hein?* 2013. 172p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. *Qualidade na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FORTUNA, Tânia Ramos. *Armas de brinquedo: dar ou não dar – será essa a questão?* Ciências & Letras (FAPA. Impresso), v. 43, p. 181-194, 2008.
- FORTUNA, Tânia Ramos. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany Souza; SEFTON, Ana Paula (Orgs.). *Escola e sala de aula - mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso*. 1° edição. Porto Alegre: 2004. p. 47-59.

- FREIRE, Madalena. *A Paixão de conhecer o mundo*. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- GOBBATO, Carolina. *Os bebês estão por todos os espaços: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil*. 2011. 223p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- HORN, Maria da Graça. *O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil*. 2003. 151p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- HORN, Maria da Graça. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- HORN, Maria da Graça. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. *Jogo de Papéis: um olhar para as brincadeiras infantis*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PARÂMETROS BÁSICOS DE INFRA-ESTRUTURA PARA INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Encarte I. Brasília, 2006. 36p.
- PARÂMETROS NACIONAIS DE QUALIDADE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Vol. I. Brasília, 2006. 64p.
- PARÂMETROS NACIONAIS DE QUALIDADE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Vol. II. Brasília, 2006. 64p.
- PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). *Infância em Pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012.
- PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA MEC E UFRGS PARA CONSTRUÇÃO DE ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. *Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, MEC, 2009. 111p.
- REDIN, Euclides. *O Espaço e o Tempo da Criança: se der tempo a gente brinca*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- STAMBAK, Mira. *Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos*. São Paulo: Autores Associados, 2011.
- TROIS, Loide Pereira. *O privilégio de estar com as crianças: o currículo das infâncias*. 2012. 183p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- TURA, M.L.R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.; VILELA, P. (Orgs.). *Itinerário de pesquisa*. Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO AOS  
EDUCADORES E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA**

Eu, \_\_\_\_\_, estou sendo convidado (a) a participar do Estudo de Caso referente ao Projeto de Pesquisa: **“PESQUISA-INTERVENÇÃO COM O GRUPO DAS LAGARTAS II: O ESPAÇO EDUCATIVO, AS INTERAÇÕES E A LUDICIDADE”** realizado no âmbito do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o Ministério da Educação.

Este projeto de Pesquisa tem como objetivos:

1. · Analisar de que forma é pensada e organizada a sala para esta faixa etária pelas educadoras da escola;
2. · Pesquisar sobre quais são as concepções de espaço-ambiente que as educadoras desta faixa etária possuem.
3. · Analisar os documentos da escola como Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar, buscando referenciais sobre o tema da pesquisa.
4. · Acompanhar e registrar fotograficamente se existirem propostas de recomposição e/ou transformação da sala das Lagartas II no decorrer do ano, sejam elas provisórias, momentâneas ou duradouras.

Será uma pesquisa de intervenção junto ao grupo denominado de Lagartas II, correspondente à faixa etária de 2 e 3 anos.

Sei que minha participação consiste em conceder entrevista, disponibilizar dados complementares relativos ao trabalho de pesquisa.

Fui informado (a) de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou a minha escola.

Também fui informado (a) de que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios de pesquisa e em artigo divulgado em formato de livro, e (não) vinculando as informações fornecidas ao meu nome.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá utilizar máquina fotográfica para facilitar o registro do trabalho desenvolvido e de que a pesquisadora e sua orientadora desta pesquisa terão acesso às imagens.

Tenho ciência de que todo o material produzido nessa fase da pesquisa ficará de posse da pesquisadora, podendo ser compartilhada com o grupo pesquisado.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Concordo, nesses termos, em participar da pesquisa.

---

Assinatura do educador/funcionário

---

Assinatura da Pesquisadora

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO À DIREÇÃO DA  
ESCOLA**

Eu, \_\_\_\_\_, na condição de diretor (a) da \_\_\_\_\_ autorizo a realização do Estudo de Caso referente ao Projeto de Pesquisa, **“PESQUISA-INTERVENÇÃO COM O GRUPO DAS LAGARTAS II: O ESPAÇO EDUCATIVO, AS INTERAÇÕES E A LUDICIDADE”** realizado no âmbito do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o Ministério da Educação.

Este projeto de Pesquisa tem como objetivos:

1. Analisar de que forma é pensada e organizada a sala para esta faixa etária pelas educadoras da escola;
2. Pesquisar sobre quais são as concepções de espaço-ambiente que as educadoras desta faixa etária possuem.
3. Analisar os documentos da escola como Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar, buscando referenciais sobre o tema da pesquisa.
4. Acompanhar e registrar fotograficamente se existirem propostas de recomposição e/ou transformação da sala das Lagartas II no decorrer do ano, sejam elas provisórias, momentâneas ou duradouras.

Será uma pesquisa de intervenção junto ao grupo denominado de Lagartas II, correspondente à faixa etária de 2 e 3 anos.

Sei que minha participação consiste em conceder entrevista, disponibilizar dados complementares relativos ao trabalho de pesquisa.

Fui informado (a) de que tenho a liberdade de desistir ou de interromper minha colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e que, nesse caso, a desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou a minha escola.

Também fui informado (a) de que os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados em relatórios de pesquisa e em artigo divulgado em formato de livro, e (não) vinculando as informações fornecidas ao meu nome.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá utilizar máquina fotográfica para facilitar o registro do trabalho desenvolvido e de que a pesquisadora e sua orientadora desta pesquisa terão acesso às imagens.

Tenho ciência de que todo o material produzido nessa fase da pesquisa ficará de posse da pesquisadora, podendo ser compartilhada com o grupo pesquisado.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Concordo, nesses termos, em participar da pesquisa.

---

Assinatura do diretor (a)

---

Assinatura da Pesquisadora

**ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA**

- A proposta pedagógica da escola foi elaborada e é periodicamente atualizada com a participação das educadoras, demais profissionais e famílias, considerando os interesses das crianças?
- As educadoras planejam e avaliam as atividades, selecionam materiais e organizam os ambientes periodicamente?
- As educadoras incentivam as crianças a escolherem brincadeiras, brinquedos e materiais diversificados simultaneamente?
- As educadoras, na organização do tempo, oferecem simultaneamente um conjunto de atividades diferentes que podem ser escolhidas pela criança de acordo com sua preferência?
- As educadoras organizam espaços, materiais e atividades para as brincadeiras de faz de conta?
- Ao longo do dia, as educadoras realizam atividades com os bebês e crianças pequenas em diferentes lugares e ambientes?
- As educadoras organizam diariamente espaços, brincadeiras e materiais que promovem oportunidades de interação entre crianças da mesma faixa etária?
- As salas de atividades e demais ambientes internos e externos são agradáveis, limpos, ventilados e tranquilos?

- Há brinquedos que respondam aos interesses das crianças em quantidade suficiente e para diversos usos (de faz de conta, para o espaço externo, materiais não estruturados, de encaixe, de abrir/fechar, de andar, de empurrar, etc.)?
- Há instrumentos musicais em quantidade suficiente?
- Há objetos e brinquedos de diferentes materiais em quantidade suficiente e adequados às necessidades dos bebês e crianças pequenas (explorar texturas, sons, formas e pesos, morder, puxar, por e retirar, empilhar, abrir e fechar, ligar e desligar, encaixar, empurrar, etc.)?
- Através da organização e constituição dos espaços ofertados pelos adultos, as necessidades e interesses das crianças estão sendo contemplados?
- A concepção de espaço existente na proposta pedagógica da escola é amplamente abordada e discutida com o grupo de educadoras da escola?

Cite o que consideras indispensável na sua opinião, para um espaço de qualidade na educação de 0 a 3 anos?

---

---

---

---

---